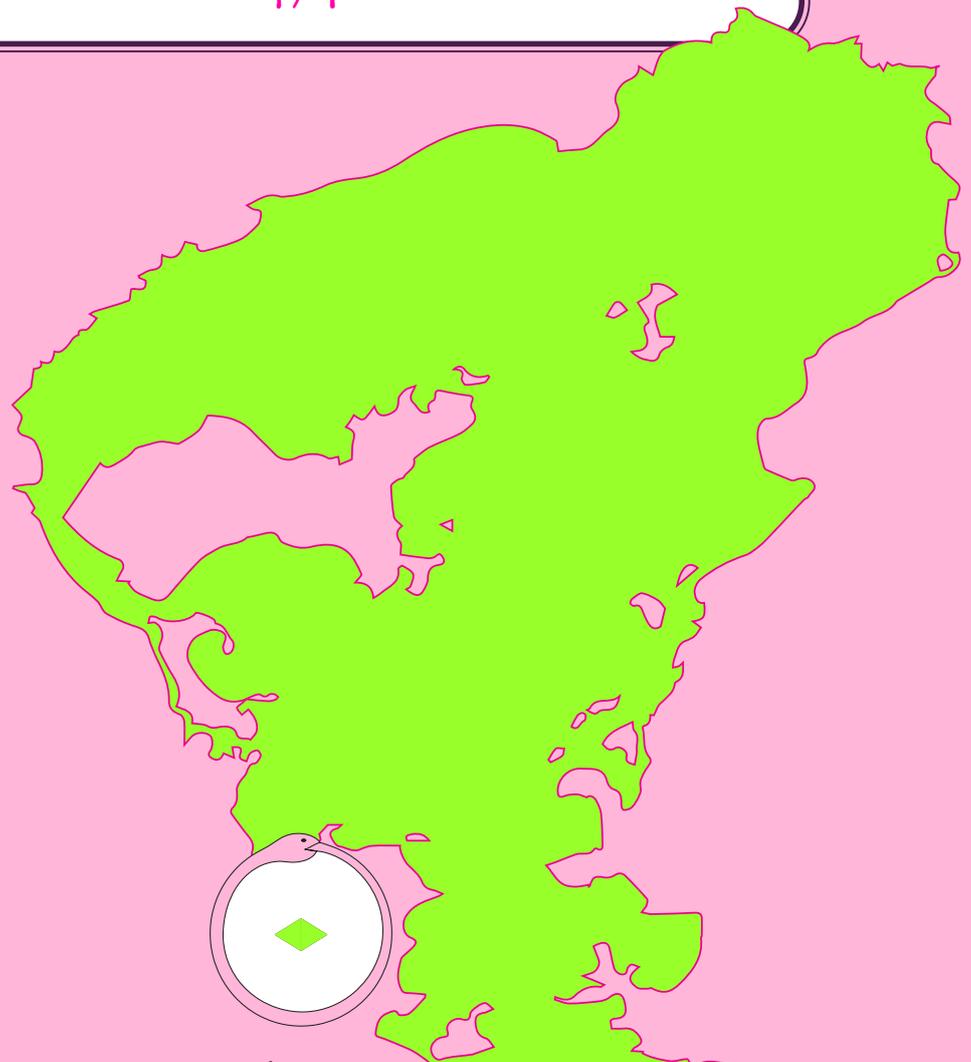
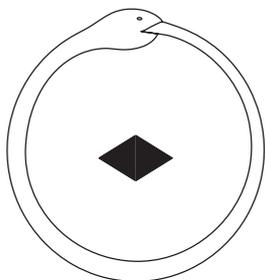


RIO DE JANEIRO,
O LAGO DE LEITE
Jaime Diakara

Ciclo
ANTES O MUNDO NÃO EXISTIA
1/4



cadernos
SELVAGEM



RIO DE JANEIRO, O LAGO DE LEITE

Jaime Diakara

Transcrição e edição de texto de Victoria Mouwad
Comentários de Francineia Fontes, Daiara Tukano e Álvaro Tukano

Ciclo de Leitura do livro *Antes o mundo não existia* 1/4

APRESENTAÇÃO

por Idjahure Kadiwel

Convidado para organizar um ciclo de leitura Selvagem da terceira edição do livro *Antes o mundo não existia* (2019), de autoria de Firmiano Lana (*Umusi Pãrõkumu*) e Luiz Lana (*Tõrãmã Kēhíri*), enxerguei a oportunidade de estender o convite à construção de um diálogo mais amplo, dando as mãos a uma brilhante constelação de intelectuais e artistas indígenas em atividade hoje no país.

Antes o mundo não existia, cuja primeira edição data de 1980, é o primeiro livro de autoria indígena no Brasil. Elaborado ao longo de doze anos de um minucioso trabalho de narração (por Firmiano Lana), escrita, desenho, tradução (entre desana e português, por Luiz Lana) e edição (por meio do auxílio de Berta Ribeiro), a obra abriu caminhos para o início, a partir de 1995, da coleção Narradores Indígenas do Rio Negro, assim como para a inauguração do que hoje se afirma, cada vez mais consistentemente, como literatura indígena contemporânea. Editada no âmbito do ciclo de estudos Selvagem, a nova edição, inteiramente revisada por Luiz Lana, dele recebendo também desenhos inéditos, ocupa um lugar de destaque na coleção transdisciplinar de livros, por trazer à companhia de cientistas e filósofos, a ciência, a autoria e o protagonismo indígenas.

Enquanto antropólogo indígena, pertencente aos povos pantaneiros Terena e Kadiwéu, sabia que comentar as narrativas de criação de um outro povo, em particular, histórias tão densamente povoadas por uma multiplicidade de seres, de acontecimentos, de bichos, de gentes, de plantas, de entidades, só seria possível por meio da escuta de conhecedores familiares ao território originário de onde provém e do qual é expressão o livro – isto é, do seio da civilização pluriétnica e multilinguística do alto rio Negro, no Noroeste Amazônico.

O primeiro convite, portanto, foi para minha colega de mestrado no Museu Nacional/UFRJ, Francineia Fontes, para que compartilhasse comigo a interlocução ao longo desse trajeto, dentro e fora das lives, também como organizadora do ciclo. Antropóloga baniwa nascida às margens do rio Içana, em sua dissertação, *Hiipana, Eeno Hiepolekoa* (2019), se dedicou a fazer justamente um trabalho tradutório sobre narrativas cosmológicas – ou mitologia – análogo ao que fizeram, pai e filho, Firmiano e Luiz Lana, junto a seu próprio pai, Francisco Fontes.

Em seguida, vieram os demais convites, dirigidos a uma geração de antropólogos rionegrinos, mestres e doutorandos, integrantes do Núcleo de Estudos da Amazônia Indígena, da UFAM. Jaime Diakara, escritor e antropólogo desana, inaugurou o ciclo de diálogos, deslançando o embarque numa profunda imersão pelas viagens ancestrais da Canoa da Transformação – ou Cobra-Canoa – transporte cósmico e metamórfico originário, de onde emergiram, por meio de sucessivas transformações, as primeiras humanidades. Povoando territórios imemoriais, desde o que é hoje conhecido como Baía de Guanabara às margens do rio Amazonas com suas Malocas de Transformação, as narrativas cosmológicas registradas no livro demarcam a presença de memórias ancestrais sobre uma diversidade de geografias desta terra, de modo algum – nunca é suficiente lembrar – “descoberta” por caravelas e coroas europeias.

Neste Caderno Selvagem dedicado ao primeiro dos quatro encontros promovidos em torno de *Antes o mundo não existia*, foram destacadas as falas que abordaram a Canoa da Transformação e o Lago de Leite. Para o fio dessa conversa, contribuíram enormemente as participações do líder e mestre Álvaro Tukano e de sua filha, a multiartista Daiara Tukano, que seguiram contribuindo também nos demais encontros, especialmente no último deles, no qual protagonizaram, junto com Ailton Krenak, uma vasta imersão na multidimensionalidade do que se chama (às vezes tão impensadamente) de mitologia, a ser editada em breve.

Segundo a cosmovisão imemorial dos povos originários de matriz Tukano, o Lago de Leite – onde foi fundada a cidade do Rio de Janeiro – foi a primeira Maloca de Transformação a ter emergido, no percurso das metamorfoses ancestrais imemoriais da Canoa da Transformação.

Aceitei esse convite para mergulharmos na cultura do povo Desana através do trabalho dos meus parentes. Pela escrita, desenhos, contação de histórias, eles começaram a deixar relatos de quem somos nós, o povo Desana. O Luiz Lana, grande ativista do movimento indígena, é meu parente. Ele criou uma associação para discutir os valores culturais indígenas, a demarcação de terras e os registros literários do povo Desana. Na minha exposição, vou fazer um pequeno recorte como antropólogo indígena. Os não-indígenas falam das nossas narrativas como mitologia. Para mim, é uma geomitologia, uma geomedicina indígena.

A contação de histórias e narrativas é, para nós indígenas, um grande laboratório de informações medicinais. Quando você lê o livro, você se dá conta que é tudo um pouco resumido, pois o próprio informante indígena não consegue descrever todas as coisas que ele quer contar. Nós, indígenas Desana, consideramos a grande Maloca do Universo, é aí que surge o que chamamos de origem da vida, e isso não está escrito no livro. Quando o Luiz Lana coloca no livro que antes só existia escuridão, não existia nada, apenas existia o Trovão, ele quer dizer aqui que já existia o Ser.

Nessa ausência de natureza, ele cria outra plataforma dentro desse contexto: a Terra. Na cuia da origem da vida, surgem os heróis culturais. Quando falamos em origem da humanidade, estamos falando em todos os seres da Terra. Ou seja, origem das coisas, tanto no universo, quanto no Rio, na Terra, na Floresta. E cada ser que surge, se torna o dono das localidades.

No terceiro capítulo do livro, o Luiz Lana nos fala do Diá *ahpikõ-dih̄taru*, isto é, o Lago de Leite, lá no Rio de Janeiro, onde acontece a transformação da humanidade. Para nós indígenas Tukano, Desana e os demais, a vida inicia no Rio de Janeiro. É nesse lugar que emerge a Canoa de Transformação, as malocas começam a surgir no Lago de Leite. Para nós, o Rio de Janeiro, lugar da primeira maloca, é um importante território. Todas aquelas belezas, as serras, os lagos, as praias nas quais vocês se banham, são lugares sagrados para nós.

Para os brancos, são atrações turísticas. Essas malocas são como grandes universidades, grandes laboratórios, onde a humanidade começou a criar ou adquirir conhecimento. As malocas foram surgindo através dos sonhos, da troca de ideias. Eles tinham conversas sobre como o mundo tinha que ser e sobre como proteger a Canoa da Transformação. No livro, o Luiz Lana fala em cerca de 30 maloquinhas, com nomes difíceis de traduzir. Vou falar aqui sobre as quatro principais.

A segunda grande maloca, em Belém, alguns vão chamar de Maloca de Maracá. Aí que surgem as primeiras danças, a primeira divisão dos instrumentos musicais. Segundo nossos antecessores, é por isso que os paraenses são bons em criar música.

A terceira grande maloca, *Diá pintun wi*, Maloca da Cobra, em Manaus. Se você for à essa cidade, pergunte pelo bairro Educandos. Para nós, esse bairro é uma grande maloca. Foi lá que começaram a dividir alguns grupos: alguns ficavam em Manaus, e outros, que iam transformar a humanidade, os grupos étnicos dos 23 povos indígenas do Rio Negro, seguiram viagem. Meu pai sempre dizia assim: Manaus era uma grande maloca de acolhimento das pessoas, onde se distribuía alimentos e bens. Por isso, Manaus é o centro do universo indígena. Fica bem nesse ponto onde vem o Alto Solimões, e onde desce o Rio Negro.

Aí vem a próxima maloca, já no Rio Uaupés onde surge a primeira bebida Ayahuasca, onde nasce uma criança e onde surgem várias linguagens (p. 34). E aí que se determina qual língua as tribos devem falar, que se dá a distribuição das línguas. É também o local de distribuição de bebidas, de Ayahuasca. Essa é uma grande maloca de sabedoria, onde adquirimos o conhecimento sobre benzimento. É um grande laboratório de certificação dos saberes indígenas. Essa foi a última maloca.

Essas quatro malocas que apresentei aqui, hoje em dia cada uma tem sua simbologia para nós. Maloca não é apenas uma casa para os Desana. Maloca é ligada ao universo, na plataforma da Terra, no leito do Rio. Quando o *kumu*, isto é, benzedor, vai fazer seus benzimentos antes de uma festa ou antes de construírem uma maloca, ele precisa pedir licença para os grandes heróis culturais da criação do mundo. Eles quem são os orientadores, os mediadores dos conhecimentos. Se ele não conseguir fazer a leitura do perfil de cada um deles, quais poderes cada

um deles tem, ele não tem conhecimento. Tem que saber a simbologia por trás. Por exemplo, o que é aquele banco de **Yebá Buró**? É apenas um simples banco sobre o qual nos sentamos? O que representa a cuia de ipadu? Tudo tem uma profunda simbologia. Quando se fala em Canoa de Transformação, por exemplo, há uma referência ao corpo da mulher.

Para nós, o Pão de Açúcar é o seio que dá de mamar da mulher. O lago da baía é uma cuia para ele. Rio Amazonas até Manaus é o Rio de Leite.

FRANCINEIA FONTES:

Cada objeto tem uma simbologia, não é apenas um objeto, tem uma representatividade enorme que explica a importância deste objeto, como a cuia, o cigarro, o ipadu. Sobre a questão das malocas, acho que pra vocês entenderem melhor o que seria isso, pensei em uma analogia. Aqui no Rio de Janeiro, as ruas têm nome. E por que elas recebem determinado nome? São nomeadas para homenagear alguém, alguém que foi importante, que contribuiu para a construção da cidade ou que marcou aquela rua de algum jeito. As malocas são isso para nós. Por exemplo, a Casa do Maracá, a Casa dos Chocalhos, foi criada no momento em que as danças e os instrumentos estavam se desenvolvendo naquele lugar, e são forças que estão presentes ali até hoje. É legal fazer esse paralelo para entender a importância dos nomes das malocas, dos lugares sagrados para nós. Mas, diferentemente das ruas para vocês, as malocas são lugares sagrados para nós. Conversamos com aqueles lugares. Benzemos e curamos pensando naquele lugar sagrado. Peço autorização, converso com ele, para que ele me dê uma cura. A importância das narrativas para nós é que personagens demiurgos, como a Avó do Mundo, nunca foram mortos. Apenas desapareceram do mundo e se transformaram em uma pedra, em um lugar invisível. Mas a gente sabe que aquele lugar está vivo, que ele nos ouve e nos dá a cura conforme o nosso momento. Sentimos essa presença muito grande em relação a esses lugares, a essas malocas invisíveis. Pode ser só um poço, uma pedra, uma serra ou uma montanha, mas para nós é uma coisa vivíssima.

Meu pai fala que a Urca é a Casa do Paricá. Com relação ao caminho da Cobra-Canoa, no meu clã pelo menos, existem narrativas anteriores ao desembarque no grande Lago de Leite, ou seja, no Rio de Janeiro. A história que eu mais gosto que papai conta é a da grande parede de gelo: o chefe Tukano, o primeiro homem da criação, está remando na Cobra-Canoa, dirigindo essa grande cobra. De repente, surge na frente dele uma parede de gelo. Então ele pede para sua irmã subir até a casa do Trovão e pedir conselho para o grande Avô do Universo, para saber como destravar o caminho. A irmã volta lá de cima com um grande recado do Avô do Universo: “O grande Avô do Universo falou que você já recebeu todos os instrumentos, todas as medicinas. Tudo o que você precisa já está na sua canoa”. Então, diante da parede de gelo, o recado do grande avô é: “Se vira!”. O chefe então bate o bastão de cerimônia, o bastão de criação, e quebra a parede. Assim, eles conseguem passar e finalmente chegam ao Grande Lago de Leite, que é onde acontece o primeiro desembarque da humanidade. A partir deste desembarque, eles fazem essa festa, tomam paricá, e vão subindo as costas, passando pela costa dos Grandes Camarões, aí chegam nas raízes da grande árvore de leite materno, que é o Amazonas. E ali tem Ilha do Açaí, que equivale à Ilha do Marajó. E vão subindo por essa grande árvore de leite, que é a bacia amazônica. Gosto muito dessa narrativa do papai, pois ela mostra que encontramos com outros povos. Nossos sítios sagrados são marcados por desenhos talhados nas pedras, os petróglifos. Existem petróglifos ao longo de toda a costa do Brasil, inclusive no Rio de Janeiro. No nosso “tukano-centrismo”, que é o pensamento de origem do nosso tronco Tukano, esses lugares marcados com pedra fazem parte do nosso caminho. E aí vai subindo, navegando nessa Cobra-Canoa, passando por Ipanoré, e vai até o Equador, onde ainda encontramos primos que mantêm tradições muito próximas. Ou seja, existia um trânsito entre povos ali, muito anterior à chegada dos visitantes europeus. Somos povos de navegação, viemos de uma migração histórica.

Tem muita gente que não conhece o Rio de Janeiro. Lá na floresta, todos falam do Pão de Açúcar, chama-se *Óhpẽkuã*, que é o peito da Mãe Terra, é a terra dos mamíferos que somos nós. A força que nós ainda temos lá da floresta, nós trazemos daquela região, da Baía de Guanabara, que é *Õpeko Ditara*. A Pedra da Gávea é o tempo sagrado dos pajés, dos espíritos, dos trovões. O Dedo de Deus é a casa das mirações. E outras cobras grandes que estão lá dentro, são as nossas canoas de transformação da humanidade. É assim que nós vamos continuar falando.

O Lago de Leite Materno, as praias e as florestas eram todas lindas. A razão para chamar de Lago de Leite Materno é que, por lá, os primeiros homens projetaram e esculpiram uma pedra enorme parecida com um peito de mulher que amamenta os homens da Terra. Na visão do Tukano, hoje, a pedra do Pão de Açúcar simboliza a “terra-mãe que dá vida ao homem mamífero” – significa mundo da fartura, sem miséria: mundo de paz e de prosperidade.

Trecho do livro *O mundo Tukano antes dos brancos*
de Álvaro Tukano.

IDJAHURE KADIWÉU: Mestre em Antropologia pelo Museu Nacional, pertencente aos povos Terena e Kadiwéu.

JAIME DIAKARA: Pedagogo, mestre em antropologia social, escritor de literatura infanto-juvenil do povo Desana e palestrante sobre cosmopolítica Desana. Natural do Rio Tiquié, filho de pai Desana e mãe Tukano. Parente de Luiz e Firmiano Lana, autores do livro *Antes o mundo não existia*.

FRANCINÉIA FONTES: Baniwa de São Gabriel da Cachoeira, da Terra Indígena Alto Rio Negro. Nascida e crescida em comunidade indígena, só saiu da sua terra para vir fazer mestrado no Rio de Janeiro. Atualmente, é doutoranda em Antropologia Social pelo Museu Nacional/UFRJ, dando continuidade às narrativas indígenas de origem.

DAIARA TUKANO: Artista, ativista e comunicadora indígena, do povo Tukano.

ÁLVARO TUKANO: Um dos principais nomes da resistência indígena nas últimas quatro décadas, tendo como base o Alto do Rio Negro. Foi um dos idealizadores do projeto Séculos Indígenas no Brasil e é atual diretor do Memorial dos Povos Indígenas, em Brasília. Autor do livro *O mundo Tukano antes dos brancos*.

AGRADECIMENTOS

Instituto Clima e Sociedade
Conservação Internacional Brasil